

*PAISAGEM.*

O tempo não se nota nos traços da rua.

Os passos dela ecoam para o lado de dentro, é esse o segredo do seu corpo. É um corpo que anda como se os vestidos definissem uma outra sombra que não aquela que transporta e que se vê através das lentes. Quando desaparece para lá das acácias o que fica é o rasto de uma planta, um módulo que procura um espaço, que não consegue infiltrar-se no passeio seguindo o mesmo mal da semente. A imagem pára, os carros e as casas estão dispostos em linha, junto aos pilares.

Todos os ruídos se abatem sobre o seu peito e no movimento da sua pele nascem os restos do dia, o crepúsculo que avança, a lua que rebenta entre os ciprestes. A noite traz uma glória imprecisa e instala-se no silêncio. Há um pensamento que devora esse tempo não notado, quase uma reflexão, um rombo. Como se o universo dependesse dessa rua e o algodão a tapasse para que sob a sua imensidão o corpo dela se descobrisse em árvore ou em mar ou fosse o deserto ele mesmo, com os seus insectos e sáurios. Como se à minha frente surgisse a nudez e, a partir dela, as cores e os sons, todos os países desfeitos pelas guerras, o sangue coalhado, os escombros, o choro contínuo das urzes.

Falo de uma mulher com um gancho no pescoço, uma mulher que voa debaixo de um pano roxo, que dorme no espaço, deitando pequenas flores para o passeio. Uma mulher circunscrita, cujo olhar possui a tonalidade da rua, as falhas das pedras, os bancos disformes, as ervas. Mas a rua não termina. Na confluência com a estrada, existe um marco e nesse sinal apareceu o tronco de uma coisa, uma espécie de colmo, um objecto pegado ao chão, com uma forma difusa. As suas pregas lembram o cimo do oceano, em dia de vento do sul, são parecidas com as conchas castanhas, fazem lembrar também uma meloa arrumada numa caixa, sozinha, a apodrecer. É essa forma desenhada que torna a rua única na cidade e transforma o passeio no centro do mundo. Fá-lo porque é dali que a semente tenta romper, aproveitando o marco, bebendo do momento em que os cães passam e esgravatam. É ali que se sente o ódio às casas, ao frio dos blocos, às luzes fundidas, aos restos de comida. Ali apodrece o lixo e para lá se atiram os pacotes de leite, para junto desse marco onde os ratos se entretêm com a morte.

Na loja que fica de um dos lados do passeio, uma montra expõe dezenas de postais. São imagens de praias que pertencem a um outro continente, praias vazias com palmeiras, praias azuis. Dentro de uma travessa de zinco, ainda na montra, vejo um cágado. O animal arrasta-se por entre os postais, em esforço, como se quisesse enfiar-se pela areia. Há um cheiro que ultrapassa o vidro, qualquer coisa podre, um líquido que escorre pela parede e a queima, no sítio onde antes existiu um algeroz. O cágado sustem a respiração. A luz treme, até se apagar. Depois volta com intensidade e ele esconde a cabeça na carapaça. Alguém, de surpresa, estende uma mão e pega no bicho atirando-o de encontro ao marco. Os ratos fogem, a forma difusa parecida com o cimo do oceano encolhe-se. Apenas se vê uma mão e um pedaço de braço a fugir pela rua fora, sem corpo definido, sem sapatos. Não é Deus, é a mão da rua, a mão que toma conta dos bichos e das plantas. A que percorre o passeio todo à procura dos pensamentos da mulher, a mão do homem, a

mão que toca no seu corpo e o apedreja. Tem os dedos abertos em feitiço de morcego e vai tomando conta de todos os ruídos, de todos os gestos, limpando os traços humanos, até chegar a vez dela, da sua nudez.



Dentro da chuva há uma música informe, uma espécie de dádiva que percorre os ossos e ilumina um desejo revivido, qualquer coisa parecida com o último momento do dia, o escuro que abrange a rua e lhe tapa o corpo. A alegria chega inesperadamente, saída de um buraco que estão a esventrar no passeio, em frente da casa. Vêm-se uns cabos, umas rodas dentadas, dois capacetes esquecidos sobre um plástico. Há umas horas que se instalou um silêncio de morte. Os carros desapareceram, as árvores secaram no espaço entre os bancos. Apenas um velho se prepara para atravessar o alcatrão. Procura um recibo no bolso do casaco e consulta o relógio, debate-se com o tempo enquanto a chuva faz um charco à sua volta. O homem fica rodeado de dejectos e de pedaços de fruta que descem de um declive e batem contra as suas canelas. A rua fechou-se, alguém acabou de colocar cancelas nas extremidades do passeio.

O homem está perdido, olha para o buraco, pensa certamente que existiu um vulcão naquele lugar e que é chegado o momento da purificação do seu corpo. Mas é precisamente dali que começam a sair os pássaros e que se dá início a uma nova estação. Pássaros aflitos, atirando-se para o céu num primeiro voo, jovens aves com um risco entre os olhos. O velho assume-se como uma estátua, desvirtua a imagem de si mesmo, com uma bengala e as mãos trementes. Finge que se encontra ali como se viesse para

apanhar a espiga, para colher papoilas, deixando que os pássaros se avizinhem dos seus cabelos e o beijem nas orelhas, no pescoço, moldando-lhe as rugas.

A mulher está fechada naquele buraco. Sabe-se isso pelo movimento dos seus pulsos, pelo modo como puxa os fios para dentro da terra e pelo suspiro que dá quando pequenos corvos saem da sua boca e se encostam ao homem paralisando-lhe o tronco. A água é sugada pelas rodas dentadas produzindo um efeito de cobra ao longo do passeio. Fica tarde para o sol. A noite dominou tudo e mesmo os pingos nos candeeiros dão ao homem esse instante de pânico, a tragédia que se avizinha.